

Réstia

Mayra Martins Redin

*o tapete da infância de onde não podíamos cair
sobre ele, o barco feito de cadeiras pesadas e difíceis de arrastar
nele colocávamos as coisas mais importantes que, na urgência, recuperávamos.*

*enchente ou cheia
abaixo do barco, o tapete da infância
vinte e quatro círculos, de olhos fechados ainda posso contar
Abrem-se do centro para suas bordas em tons de vermelho, vinho, laranja e amarelo
e é o mar.*

*aveludado, quente e flutuante.
sobre ele o barco de cadeiras flutua, em dúvida se está sendo engolido ou se*

sobre(ele)voa

*

*Não resta nada quando você insiste pralém dos teus limites
E também não resta nada quando você desiste antes de chegar nos teus limites.
Outra maneira de não restar nada é não escrever.*

*Há navios encalhados, carcaças
Mas há o que não há
E há tanto do que não há*

*Que é como carcaça
O que não há*

*Que é como carcaça de navio naufragado
O que não há*

*Mas há,
Sempre há*

“Há de haver”, diz-se

*

*É difícil reerguer um navio
As casas devastadas pela areia e vento
E o arco íris do farol*

*É difícil dividir uma manhã qualquer indivisível
Que é como cheiro
De quem era?*

*

*a memória é sempre de quem encontra algo no mar, se veio ou não de lá ou de onde,
que importa.*

Currículo Resumido

Mayra Martins Redin, 1982, atualmente vive entre Porto Alegre e Rio de Janeiro. É doutoranda em Artes na UERJ (Rio de Janeiro). Mestre em Educação pela UFRGS (Porto Alegre). Graduada em Artes Visuais (UFRGS, Porto Alegre) e Psicologia (UNISINOS, São Leopoldo). Os principais temas discutidos em sua

produção artística são as relações entre imagem e palavra, considerando os limites entre o visível e o invisível, o registro e a memória, a intimidade e a troca.